

**BIRUTAS**

**Nº1**





## **BIRUTAS N°1**

**BIRUTAS N°1** é um trabalho de intervenção urbana que utiliza de dispositivos desenvolvidos com varas de bambu e sacolas plásticas como mote disparador das ações. Os objetos desenvolvidos são compostos de sacos de lixo, soldados a um aro de arame e amarrados a uma vara de pescar, criando uma estrutura semelhante às birutas utilizadas para verificação do sentido do vento. Porém, diferente dos objetos de mensuração que são fixos a uma estrutura, no trabalho **BIRUTAS N°1** os dispositivos operam junto aos corpos que participam da ação. De modo que é no encontro corpo, dispositivo e vento que se agencia uma primeira convocação a um movimentação na qual as forças do vento operam certos fluxos dançantes do corpo. E num segundo momento, por meio do fluxo deste movimento com este outro corpo acoplado, opera-se uma dinâmica de ocupação espacial na qual os corpos que constroem a ação criam certa força excêntrica de bloco, ao passo que negociam entre si a ocupação dos espaços. O que cria uma dinâmica de dança ligado a certa improvisação com o novo corpo-biruta e os

acontecimentos que operam esses encontros. Criando um balé louco onde o vento opera as forças nos corpos.

O trabalho surgiu no ano de 2015, no contexto de Golpe de Estado e ocupação das Universidades Públicas por parte dos estudantes. Nesse período, cooperou-se com dois coletivos que vinham construindo trabalhos ligados a uma arte política, visto a necessidade de confronto ao desmonte do dispositivo público e o ataque às práticas culturais e artísticas. O coletivo **ARTIVISMO**, composto em sua maioria por estudantes dos cursos de arte, e o coletivo **O QUE ESTÁ DEBAIXO DA PONTE?**, composto por artistas ligados à dança e ao teatro. O contexto político complexo reverberava em todas as instâncias da vida cotidiana, criando uma ambiente de tensionamento entre a própria população, onde linhas de violência física, verbal e psicológica operam drasticamente nas subjetividades. As forças da macropolítica tomaram tal dimensão que o próprio modos social estabelecido foi posto em xeque, impossibilitando qualquer expectativa futurística dos rumos que tal fluxo iriam tomar. Era toda uma força de vendaval que atravessava e carregava as subjetividades do período. De modo que surgiu um interesse em operar na construção de



trabalhos utilizando dessa força natural do vento, que em grande intensidade pode oprimir um corpo humano e qualquer estrutura protetiva que este utilize.

No primeiro momento de investigação das forças do vento produziu-se um trabalho intitulado **PARA-QUEDAS N°1**, no qual a partir da prática infantil de amarrar bonecos em sacolas plásticas e lançá-los para criar o movimento de flutuação de um paraquedas, elaborou-se em escala de sacos de lixos um dispositivo semelhante, amarrado a uma pedra com as inscrições **PARA-QUEDAS** de ambos os lados do saco. No qual um coletivo de pessoas buscava um ponto alto (prédio, ponte e etc) para realizar o lançamento dos objetos coletivamente. A imagem disparada pela ação era interessante, porém seu tempo de duração era muito curto, o que produzia um gesto efêmero que parecia ainda insuficiente para atuação que se pretendia. Como também sua linha de atuação, que operava com o gesto da flutuação, da modulação, mas ainda em um lugar contemplativo, no qual era o objeto que se punha a flutuar. Operava-se o desejo de convocar o corpo para operar no fluxo desse surfe pelas forças, mantendo certa consistência de equilíbrio mesmo no turbilhão. Foi então que se elaborou o trabalho **BIRUTAS**



Nº1, que busca operar por meio de certa vitalidade corporal acoplada aos dispositivos, ao espaço e ao vento. Convocando uma dinâmica de dança na qual esse bando de birutas móveis criam uma permanência corporal mais duradoura, o que durante os atos e manifestações que os trabalhos estavam, operava também numa afirmação da alegria e da vitalidade desses corpos que protestavam dançando.

O trabalho **BIRUTAS Nº1** da série **BIRUTAS**, foi o que mais se utilizou nas intervenções e mais teve circulação em outros contextos fora dos atos e manifestações. Os trabalhos da série se diferenciam por meio da cor dos sacos plásticos utilizados e pelas inscrições de palavras, que operam numa construção singular entre texto e cor. No caso das **BIRUTAS Nº1** utiliza-se sacos de lixo da cor branca para sua produção e se escreve, com uma tipografia própria em tinta preta **AMOR** de um lado da sacola e **LEVE** do outro. Criando um jogo de leitura pelo movimento dos dispositivos no qual as frases **AMOR LEVE** e **LEVE AMOR** se conformam em alguns momentos, para além da própria potência das palavras isoladas. O caráter de bloco, pelo agenciamento coletivo de pessoas e a formação de



conjunto pela monocromia e a seriação dos objetos, criava uma força ocupacional e interventiva que potencializava as ações realizadas. Os sacos de plástico com sua cor branca e brilhante, com suas rabiolas dançantes criam um movimento aéreo que opera certa leveza e fluidez. Em meio a turbulência que se acentuava e os corpos que já caminhavam à exaustão, buscava-se convocar todo um outro gesto pacifista e amoroso. Criar um território outro no qual o manifestar-se estava próximo da síntese da canção afro-brasileira “bandeira branca enfiada em pau forte”, não operando apenas contra as forças macropolíticas, mas também dentro de uma micropolítica do encontro em que essas confluências coletivas pudesse também deslanchar um processo de experimentação ligado ao corpo, ao espaço, ao gesto de encontro com o vento, aos próprios procedimentos da articulação coletiva em sua construção organizacional de suas composições lógicas e afetivas.

No sentido do acoplamento propiciado pelo dispositivo operava-se primeiramente uma exacerbação da escala do corpo humano, convocando toda uma outra propriocepção dos gestos e da ocupação espacial. O gesto se estabelecia pelo encontro com o vento, que direcionava



em sua variação os fluxos de movimentação das **BIRUTAS N°1** e por consequência operavam convocação à um engajamento dos corpos, que em sua fluidez se deparavam com outros corpos, com estruturas, com o espaço e se articulavam criando uma dança coletiva improvisada e experimental desde a acoplagem do dispositivo e a construção deste outro corpo aberrante que convoca ao movimento. Como acontece em alguns trabalhos do artista Hélio Oiticica (1937-1980), como é o caso dos **PARANGOLÉS** (década 70) que são vestimentas que convidam à dança. Em consequência deste potencial corporal que o trabalho apresentava, a partir dos encontros germinados nesses contextos políticos de surgimento do trabalho, e os interesses de outras pessoas em refazê-lo em outros contextos, operou-se uma ampla inserção do trabalho e uma rotatividade da proposição. Por praticidade construtiva do dispositivo, enquanto proposição de simples e rápida realização. Por sua acessibilidade econômica, que utiliza de objetos cotidianos (vara de pescar de bambu, saco plástico, arame e barbante) de barato e fácil acesso. Por seu transporte e armazenamento, que quando separadas as estruturas dos corpos das birutas das varas, forma-se um feixe de varas



que são amarradas entre si, e o próprio corpo-saco da estrutura pode armazenar cerca de 60 peças. De modo que uma única pessoa consegue transportar essa quantidade. Tais atributos, para além do seu potencial sensível, enquanto intervenção, interessou alguns professores de amplas faixas etárias e coletivos artistas que tinham atuação no campo da intervenção urbana. Sendo desdobrado de outras formas, construindo outras entradas e experimentações a partir da proposta. Como é o caso do coletivo **FLUTUA**, que trabalha com a arquitetura através da intervenção urbana e que realizou a proposta tantas vezes quanto o artista. De modo que o trabalho assumiu certa autonomia de circulação e quase oito anos após sua criação ainda opera na prática de outros artistas.